

## ARTIGO JORNAL SUCROENERGIA:

A SÉTIMA EDIÇÃO DO FÓRUM NORDESTE, que desde 2007 temos o prazer de cooperar com a FOLHA DE PERNAMBUCO, integrante do GRUPO EQM, atuante na agenda do Nordeste do segmento, através das tradicionais unidades CUCAÚ em Pernambuco, nossa associada e UTINGA LEÃO em Alagoas, ocorre em contexto onde o segmento de energias renováveis, não poderia se encontrar mais desamparado, totalmente atrelado aos preços dos derivados de Petróleo, que embora causem ônus ambiental, por conta de políticas do Governo Federal, têm suas precificações como balizadoras, e, a partir destes patamares, aliás desatrelados do mercado mundial, atuam combatendo a competitividade dos combustíveis verdes, de melhor qualidade ambiental.

No mundo das energias, as inovações em tecnologia, previsibilidade regulatória e competitividade são requisitos essenciais ao investimento programado, exatamente em busca de vigor nas fontes de nossa matriz energética, aliás, onde o Brasil se caracteriza, sobretudo, pela diversidade de fontes e com características sustentáveis. Sabemos que o crescimento é demandador do insumo energético, conjugando assim, fontes fósseis com aquelas renováveis limpas.

O mundo da agroenergia da cana – de – açúcar, com a fotossíntese dos canaviais, a bioeletricidade do bagaço e o etanol, detém cerca de 16% da pizza energética do País, contudo, o abastecimento poderia ser, ainda mais firme com a segurança de suprimento contínuo, evitando-se apagões e discontinuidades, mas é necessário precificar a competitividade, numa equação que valorize e que coroe as externalidades geradas, isto é, aquelas que acarretam melhoria ambiental, vis-à-vis as inconveniências das gerações “perigosas” e produtoras de gases do efeito estufa.

É impossível falar-se em crescimento, aumentos de volumes, se não há competitividade. O desafio é equilibrar ofertas e demandas de energias, reduzir emissões de efeito estufa, aniquilar perdas e ineficiências em produção e na distribuição. O foco é então, a agroenergia com alta eficiência. São atributos de um sistema mais contemporâneo e moderno de geração, buscando-se inclusive, controlar armazenagem de energias ainda não distribuídas.

O setor sucroenergético no Brasil envolve essas externalidades energéticas e socioeconômicas. Portanto, especialistas têm apontado para a otimização desses recursos, por exemplo, no etanol de cana – de açúcar, considerado pela EPA – Agência Ambiental Norte-Americana, como combustível avançado, melhorando em mais de 60% , levando-se em conta a quantidade emitida pela gasolina americana, os impactos ambientais das emissões de CO<sub>2</sub>.

No campo social, a grande maioria dos Grupos Produtores vem contribuindo com os empregos no campo, e que na atualidade, em nada devem em condições de trabalho aos gerados na vida urbana, ao contrário, via de regra, apresentam melhores estruturas.

Estudo da EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) aponta para a retirada de milhões de toneladas de carbono da atmosfera através da agricultura. Segundo o estudo, pela sua espacialidade geográfica, a cana se torna um verdadeiro “anti-efeito estufa”.

No plano energético, é necessário levar em consideração as vantagens da utilização do etanol como combustível, quando comparado à gasolina, principalmente na área de emissão de CO<sub>2</sub> além da contribuição da energia produzida pelo bagaço da cana (Bioeletricidade). Segundo especialistas, “em plena capacidade de produção, todas as usinas poderiam gerar 15.300 megawatts, o equivalente a mais de uma Itaipu”.

No tocante à saúde pública, o uso do etanol em grandes cidades, vem reduzindo os gastos públicos de saúde com problemas associados a poluição do ar. O município de São Paulo, por exemplo, com mais de 10 milhões de habitantes, é a cidade principal de uma área metropolitana com uma frota da ordem de 5 milhões de veículos, onde vivem cerca de 15 milhões de pessoas que respiram ar de qualidade bastante sofrível. Segundo estudos, o tráfego de veículos é a principal fonte de poluição do ar em São Paulo, sendo responsável por 98% das emissões de CO2 e 90% do material particulado respirável - PM10.

Por conseguinte, urge um PLANEJAMENTO prático no MUNDO DAS ENERGIAS DO PAÍS, podendo ter início naquelas "Veiculares" e que envolvam aferições de externalidades, a fim de obtermos competitividade nos mercados, quanto aos biocombustíveis frente a gasolina, que é totalmente amparada e protegida pelo Dirigismo do Governo Federal.

Em Assim sendo, para atender ao suprimento desses mercados, é possível estimar a necessidade de produção de até 1 bilhão de toneladas de cana, 50 milhões de toneladas de açúcar e em torno de mais de 40 milhões de metros cúbicos de etanol em 2020, números extremamente difíceis de serem alcançados, com as atuais Políticas e Diretrizes, totalmente incompletas e desatreladas de um mínimo de estímulo a desonerações tributárias e trabalhistas, ainda que temporárias, e, direcionadas á produção sustentável.

Nós que integramos os Órgãos de classe, dentro de uma auto-gestão efetiva, precisamos aumentar ações de comunicação com a sociedade, Universidades, Redes Sociais, jovens, fornecedores, Trabalhadores e clientes, sempre valorizando o papel da sustentabilidade que os biocombustíveis exercem na matriz energética de um país que pode liderar os mercados de energias e alimentos nesse terceiro milênio.

Confiamos que as palestras e seus conteúdos neste nosso sétimo fórum nordeste sejam alvissareiras e sensibilizem a todos , e, em especial ao governo federal para abraçar uma agenda que envolva no curto, médio e longo prazos saídas práticas para a continuidade da geração, com margens econômicas saudáveis, no campo das agroenergias.

A luta continua, inclusive para não desperdiçarmos as jazidas latentes de produtividade, que precisam ser melhor exploradas em benefício dos empregos, tributos, exportações e negócios no nosso país .

Bom seminário a todos !

RENATO AUGUSTO PONTES CUNHA

PRESIDENTE DO SINDAÇÚCAR PERNAMBUCO E

VICE-PRESIDENTE DA FIEPE-FEDERAÇÃO DAS INDÚSTIAS DE PE E DO FÓRUM NACIONAL SUCROENERGÉTICO